

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA INTERNACIONAL
1993

Orquestra Filarmônica de Moscou

19 de Abril (Série Branca) e 20 de Abril (Série Azul)

Quarteto Beethoven de Roma

17 de Maio (Série Branca) e 18 de Maio (Série Azul)

Lazar Berman

26 de Maio (Série Branca) e 16 de Junho (Série Azul)

Camerata Acadêmica do Mozarteum de Salzburg

5 de Julho (Série Branca) e 6 de Julho (Série Azul)

Orquestra de Câmara da Austrália

9 de Agosto (Série Branca) e 10 de Agosto (Série Azul)

Nelson Freire

24 de Agosto (Série Branca) e 26 de Agosto (Série Azul)

Dame Kiri Te Kanawa

16 de Setembro (Série Branca) e 20 de Setembro (Série Azul)

Quarteto Guarneri

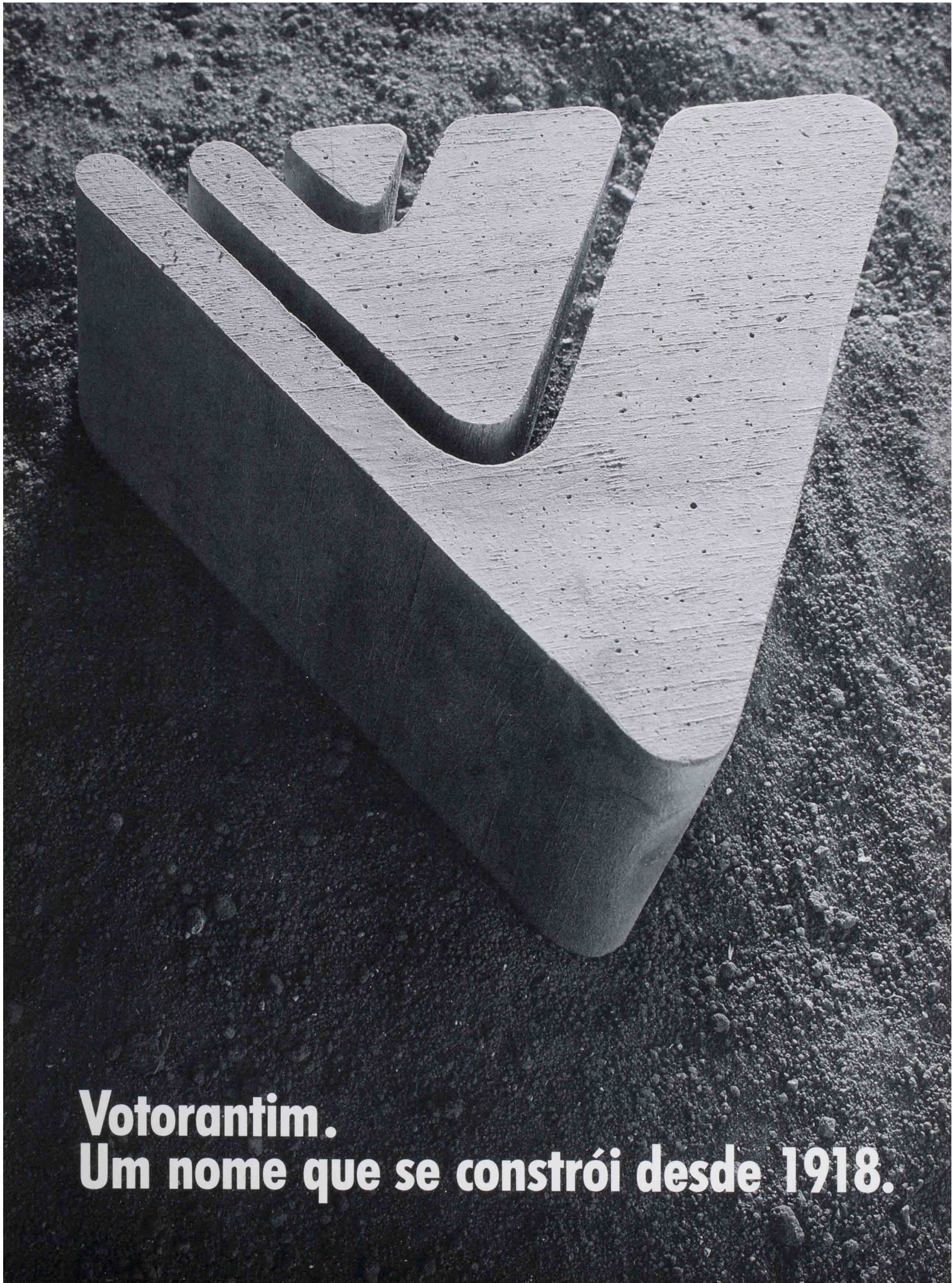
27 de Setembro (Série Branca) e 28 de Setembro (Série Azul)

Noite Romântica

13 de Outubro (Série Branca) e 14 de Outubro (Série Azul)

Wiener Symphoniker

17 de Outubro (Série Branca) e 18 de Outubro (Série Azul)



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**

**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**

APRESENTA

**Integrantes do
QUARTETO GUARNERI**

JOHN DALLEY violino
MICHAEL TREE viola
DAVID SOYER violoncelo

e

SEYMOUR LIPKIN piano, convidado especial

Lamentamos muito a doença do Maestro Arnold Steinhardt e agradecemos a participação especial do Maestro Lipkin nos concertos desta "tourn e".

Promo o:



Patroc nio



 **BANCO ITAMARATI**

VOTORANTIM





QUARTETO GUARNERI

O Quarteto de Cordas GUARNERI, integrado por Arnold Steinhardt (violino), John Dalley (violino), Michael Tree (viola) e David Soyer (violoncelo) não modificou sua formação desde sua fundação em 1964. Seus componentes são professores no Instituto de Música Curtis de Filadélfia e na Universidade de Maryland. A Universidade da Flórida, onde são residentes anuais desde 1972, lhes outorgou em 1976 o título de Doutor Honoris Causa, título também recebido em 1983 da Universidade de Nova York.

Reconhecido no âmbito musical internacional como um dos mais importantes quartetos de cordas do mundo, o GUARNERI realizou, durante a temporada 1992/93 sua 33ª "tourné" pela Europa, incluindo apresentações em Viena, Paris, Lisboa, Helsinki, Munich, Milano e Florença. Manteve também seu ciclo anual de assinatura no Lincoln Center e no Museu de Arte Moderna em Nova York.

O GUARNERI, celebrado por "Newsweek" como "um dos mais prestigiosos conjuntos de câmara do mundo", é um grupo magnífico: quatro personalidades diversas, todos membros originais, formando a colaboração mais antiga enquanto quarteto nos Estados Unidos.

JOHN DALLEY - violino

Apresentou seu primeiro concerto aos 14 anos. Foi aluno de Efrem Zimbalist no Instituto de Música Curtis. Realizou inúmeras "tournées" pelos Estados Unidos, Canadá, Europa, Japão, Austrália e Nova Zelândia, em recital e como solista de orquestra. Antes de fazer parte do Quarteto, foi professor de violino no Conservatório Oberlin, membro do Quarteto de Cordas Oberlin e artista residente na Universidade de Illinois.

MICHAEL TREE - violino

Nascido em Newark, New Jersey, recebeu suas primeiras aulas de violino aos 5 anos. Violinista e violista consagrado, fez sua primeira apresentação no Carnegie Hall aos 20 anos. Estudou com Efrem Zimbalist, Lea Luboschutz e Veda Reynolds no Instituto de Música Curtis e posteriormente com Samuel Applebaum. Já atuou como solista de orquestras de renome internacional, em recitais e nos mais importantes festivais musicais.

DAVID SOYER - violoncelo

Seu primeiro concerto se deu aos 17 anos com a Orquestra de Filadélfia sob a regência de Eugene Ormandy. Nascido na Filadélfia, teve como professores de violoncelo: Diran Alexanian, Emanuel Feuerman e Pablo Casals. Fez parte dos seguintes grupos de câmara: "Bach Aria Group", "Marlboro Trio" (membro fundador), "Gilet Quartet" e o "New Music String Quartet".

SEYMOUR LIPKIN - pianista

Dono de respeitável reputação internacional, Seymour Lipkin é solista, músico de câmara, regente e pedagogo. Vencedor do Concurso Internacional Rachmaninoff para piano, iniciou sua carreira como solista das grandes orquestras americanas incluindo Boston, Chicago, Cleveland, Philadelphia, Pittsburgh, Nova York, Los Angeles e St. Louis, com regência de Munch, Reiner, Steinberg, Ormandy, Bernstein e Dochnanyi.

Paralelamente, foi dando ênfase à sua carreira camerística ao lado do próprio Quarteto Guarneri, Jascha Heifetz e do violoncelista David Soyer, apresentando-se nos grandes festivais americanos e italianos Marlboro, Norfolk e Spoleto. Por outro lado, tem sido frequentemente requisitado como Diretor Artístico de outros festivais e concursos internacionais para piano: Maryland, Kneisel Hall Chamber Music Festival, William Kapell Competition, etc.

Graduado pelo Curtis Institute, Seymour Lipkin estudou piano com Rudolf Serkin, Horszowski e David Saperton; e regência com Serge Koussevitsky. Como regente, Lipkin já esteve à frente da Sinfônica de Long Island e do Joffrey Ballet Company. Como pedagogo, é responsável pela cátedra de piano no Curtis Institute e na Juilliard School.

Com Bernstein e a Filarmônica de Nova York gravou o Concerto para Piano de Stravinsky.

2ª feira, 27 de setembro às 21 horas

W. A. MOZART
(1756-1791)

Quarteto em sol maior, K. 478

Allegro
Andante
Rondo (Allegro)

L. VAN BEETHOVEN
(1770-1827)

Trio nº 2 em ré maior "Serenata", Op. 8

Marcia: Allegro
Adagio
Menuetto: Allegretto
Adagio; Scherzo; Allegro molto
Allegretto alla Polacca
Andante quasi Allegretto; Allegro
Marcia: Allegro

INTERVALO

G. FAURE
(1845-1924)

Quarteto nº 1 em dó menor, Op. 15

Allegro molto moderato
Scherzo: Allegro vivo
Adagio
Finale: Allegro molto

3ª feira, 28 de setembro às 21 horas

L. VAN BEETHOVEN
(1770-1827)

Quarteto em mi bemol maior, Op. 16

Grave; Allegro, ma non troppo
Andante cantabile
Rondo: Allegro, ma non troppo

E. DOHNANYI
(1877-1960)

Serenata em dó maior, Op. 10

Marcia (Allegro)
Romanza (Adagio non troppo, quasi andante)
Scherzo (Vivace)
Tema con variazioni (Andante con moto)
Rondo finale (Allegro vivace)

INTERVALO

J. BRAHMS
(1833-1897)

Quarteto em sol menor, Op. 25

Allegro
Intermezzo (Allegro ma non troppo)
Andante con moto
Rondo alla zingarese (Presto)

Próximas apresentações: NOITE ROMÂNTICA
Schubert - Schumann - Brahms
13 e 14 de outubro

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

A generosa música de câmara de Mozart concretiza um universo sonoro particularmente variado e instigante, permanentemente encantador. Aí encontram-se desde obras destinadas a fazer frente a encomendas de aristocratas e burgueses endinheirados, que requeriam música para simples e momentâneo entretenimento, até partituras escritas por vontade própria, como depoimentos destinados aos contemporâneos de espírito livre como o seu. Entretanto, seja em uma página destinada ao consumo imediato, seja em uma partitura na qual, dentro dos limites retóricos da época, o autor colocou o mais profundo do seu pensamento musical, encontram-se sempre as marcas de um gênio sem paralelos na História da Música Ocidental. A permanente invenção melódica, enredante à toda hora, aí é colorida de uma rítmica ágil e de uma concepção harmônica repleta de achados. Nesse panorama que engloba duos, sonatas, trios, quartetos e quintetos, há mais de oitenta obras-primas de valor indiscutível.

O quarteto para piano e cordas sempre foi formação raramente abordada pelos grandes compositores. Mozart foi pioneiro nessa reunião instrumental que dá a impressão de ser “uma fusão do Quarteto de Cordas e do Concerto” (Jean e Brigitte Massin). O primeiro dos dois que Wolfgang Amadeus escreveu, o Quarteto em sol menor, K. 478, data de 1785, momento em que ele compunha a sua ópera *As Bodas de Fígaro*. A dramática tonalidade escolhida era muito pouco utilizada na música da época; à ela, o próprio Mozart só recorreria em três outras obras importantes. Seu **Allegro** inicial em forma-sonata (Exposição-Desenvolvimento-Recapitulação-Coda) alimenta-se de grande tensão estabelecida entre motivos de caráter violentamente autoritário e melodias de recorte mais dócil. O **Andante** que vem em seguida, em si bemol, possui um clima expressivo bem distante do movimento inicial. Sua forma binária (ABAB) é o de uma sonata em desenvolvimento, e os temas oscilam entre a extroversão da ternura e os gestos conotadores de melancolia. O espaçoso rondó conclusivo (**Allegro moderato**) é de enorme vitalidade e transborda de temas diversos e melodicamente marcantes.

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Através da numerosa e variada produção camerística de Beethoven, gênero que ele cultivou desde os anos da adolescência até a etapa final de sua existência, pode-se acompanhar com clareza o espiralante e ascendente desenvolvimento de uma personalidade artística invulgar. Das primeiras obras dos tempos de estudante às derradeiras partituras, escritas quando o gênio se encontrava inteiramente isolado do mundo sonoro exterior, devido à sua trágica surdez, vê-se a permanente inquietação criativa que o levou dos modelos clássicos às formas francamente visionárias, experimentais, “românticas”. Do caráter de divertimento de certa faixa da produção juvenil, Beethoven paulatinamente transformou o gênero em um denso campo exploratório no qual, ainda hoje, são encontradas algumas das visões musicais mais profundas da alma humana que se conhecem.

O Trio para cordas nº 2 em ré maior, Opus 8, também conhecido como “Serenata”, organiza-se a partir das características emprestadas ao gênero pelas obras modelas de Mozart e Haydn. Ainda que publicado em Viena, em 1797, esse Trio parece ter sido composto quando o artista ainda vivia em Bonn, por volta de 1795. Beethoven aí respeita o espírito da serenata clássica, “servindo-se dela com fineza, graça, elegância e fantasia” (Jean Witold). Nessa obra, Beethoven encadeia os vários movimentos alternando andamentos de marcha e de minueto a páginas ora meditativas, ora voltadas para a cintilância das variações.

A versão original do Quarteto para piano e cordas em mi bemol maior, Op. 16b foi escrita por volta de 1796 como quinteto para piano, oboé, clarineta, trompa e fagote. Esta segunda versão, preparada pelo próprio compositor em torno de 1810, parece ter sido realizada tendo em vista uma instrumentação de arregimentação mais fácil que a original. Seu primeiro movimento consta de uma introdução lenta, algo majestosa (**Grave**), encadeada a um **Allegro** de caráter predominantemente heróico e impositivo, onde o piano tem notável participação virtuosística. O movimento central (**Andante cantabile**) tem como tema uma melodia baseada em melodia ouvida na ópera *Don Giovanni* de Mozart — a ária de Zerlina “Batti, batti”. O **Finale** é um rondó de grande vivacidade e de escritura particularmente ágil.

Gabriel Fauré (1845-1924)

Fauré exemplifica, como nenhum outro, o artista francês do romantismo tardio, herdeiro espiritual de Robert Schumann — no tocante ao lirismo confessional —, e digno discípulo de Camille Saint-Saëns — na sua permanente busca de perfeição formal. É música particularmente francesa no que tange à escritura elegante, à expressão clara e controlada, ao encanto das melodias aciduladas de soluções surpreendentes. Sua harmonia é rica e inovadora e, por vezes, sua rítmica se alimenta de sínopes condimentadas. Espírito reservado enquanto figura pública, privadamente, Fauré foi um homem que facilmente se deixava apaixonar por belas mulheres. Compôs uma obra na qual, como recomendava o poeta Paul Verlaine, sempre buscou controlar a eloquência, em favor de um estilo mais alusivo. Suas dez partituras camerísticas são consideradas essenciais; na maioria delas, o piano tem papel de destaque. O Quarteto nº 1 para piano e cordas em dó menor, Opus 15 (1877-79) foi escrito à época em que o autor se deixou expor à música de Wagner. Contemporâneo do célebre Quinteto de César Franck, esse quarteto “impressionou imediatamente pela beleza dos temas (entre os mais memoráveis de Fauré) e pela flexível firmeza do estilo” (F. R. Tranchefort). O **Allegro molto moderato** está escrito em estrita forma-sonata, sobre dois temas principais: o motivo nobremente viril ouvido nos primeiros compassos, e a melodia sinuosa exibida pelas cordas em sucessão, a partir de um brilhante arpejo do piano. O Scherzo: **Allegro vivo** tem como tonalidade básica a de si bemol maior e o seu ritmo em 6/8 impulsiona o discurso de maneira resoluta (o motivo principal recebeu a indicação **leggiero**). O esquema A-B-A-C (trio)-A é obedecido nesse movimento que pode provocar “sedução imediata” (J. Michel Nectou). O **Adagio** é em forma de canção (A-B-A-Coda) e é portador de comovente gravidade, abrindo-se para passagens de atmosfera ora severa, ora apaixonada. O **Finale: Allegro molto**, novamente em forma-sonata, joga com a contraposição de motivos marcadamente rítmicos a melodias em franca expansão.

Ernst von Dohnanyi (1877-1960)

Nascido na atual Bratislava, Hungria, Dohnanyi formou-se em Budapeste, mas sempre conservou seu amor pelos artistas do pós-romantismo alemão. Ficou conhecido na juventude como pianista, comparado a Rachmaninoff. Atualmente é tido como o maior pianista húngaro posterior a Liszt, tendo sido professor de Annie Fischer, Georg Solti e Geza Anda, entre outros. Notabilizou-se sobretudo como solista, regente, professor e administrador musical. Deixou obra em que se nota um estilo próprio, ainda que menos marcante que o de seus compatriotas e amigos Zoltan Kodály e Béla Bartók. Viu-se acusado, injustamente, de ter sido colaboracionista durante a Segunda Guerra Mundial. Morando posteriormente na Inglaterra, Argentina e nos Estados Unidos, apenas tardiamente teve sua fama convenientemente restaurada.

Nove partituras de câmara asseguraram a Dohnanyi um lugar seguro no repertório do gênero. Entre elas se destaca a Serenata para trio de cordas em dó maior, Op. 10, considerada peça-chave do seu catálogo, por ser a primeira em que ele se exprime através de um estilo verdadeiramente pessoal. Datada de 1902, é obra extraordinariamente exigente no que se refere à execução — requer verdadeiros virtuosos para a sua realização — e foi moldada à maneira clássica. Renova a tradição do Opus 8 de Beethoven, no seu desdobrar-se em vários movimentos, e bebe a seiva húngara ao alternar andamentos vivos e dançantes a outros de intenso lirismo. A curta **Marcha** inicial reinventa a introdução das serenatas mozarteanas. O **Romance**, em fá maior, brinca com a estilização de uma balada que parece ter saído da música popular de seu país. O **Scherzo** que se liga a ela instaura um clima particularmente vibrante e virtuosístico, aliando elementos da escritura fugada barroca a processos de improvisação da música cigana. O quarto movimento, **Tema con variazione (Andante con moto)** é o mais clássico de toda a obra, exibindo variações cheias de engenho. O **Finale** continua sendo considerado uma homenagem a Haydn — citado no segundo tema do movimento —, possivelmente porque o mestre clássico também havia sido um apaixonado pela música popular de certas regiões do (então) Império Áustro-húngaro.

Johannes Brahms (1833-1897)

“Disciplina”, “equilíbrio” e “síntese” são palavras costumeiramente associadas à arte de Brahms. Na verdade, raros compositores chegaram a tão altos cumes criativos como ele, sobretudo no domínio da música de câmara. Durante toda sua vida, entregou-se ao gênero e nos fez herdeiros de mais de vinte obras-primas que são autênticos patrimônios da Humanidade. Nessa faixa da sua produção, Brahms aliou a clareza das formas clássicas esmerilhadas com rigor a uma forte dose de expressividade romântica, de sabor inconfundível. Importante também é dar-se conta de que a posteridade conseguiu descobrir nessas partituras, a partir da análise inaugural de Arnold Schoenberg, traços de uma modernidade que, à época, passaram despercebidas. Música “pura”, já que destituída de textos, a obra camerística de Brahms possui, entretanto, certa retórica por assim dizer literária, na medida em que, com frequência, assume o aspecto de uma narrativa, como que se tratasse de “histórias da alma”. Claude Rostand disse dela: “Nesse domínio da música de câmara, Brahms, o primeiro depois de Beethoven, encontra um equilíbrio particular entre a inspiração e a ciência. Depois dele, em seu século, ele foi imitado, mas não parece abusivo dizer que jamais foi igualado”.

O Quarteto para piano e cordas nº 1 em sol menor Op. 25 foi publicado em 1863, mas sua composição estendeu-se por alguns dos anos anteriores a essa data. Seu **Allegro** inicial é irrigado por três temas básicos e por um considerável número de idéias secundárias. Nele, a forma-sonata é tratada livremente — daí o aspecto quase rapsódico da sua permanente fantasia. O **Intermezzo Allegro ma non troppo**) em dó menor é uma tocante e algo reticente página de caráter noturno, que tem na parte central um trio mais animado. O **Andante con moto** que vem em seguida, em mi bemol maior, é um expansivo **Lied** tripartido (A-B-A) de expressão robusta, heróica até. O **Rondo alla zingarese (Presto)** é de um estonteante júbilo. Inspirado na música cigana, de difícil análise formal, esse movimento captura magicamente a aura de uma autêntica improvisação de músicos populares.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

A Cultura Artística é uma entidade particular, sem fins lucrativos, a mais antiga organização produtora de espetáculos em São Paulo. Trabalhamos com recursos provenientes da venda de assinaturas e ingressos de nossas apresentações e da cessão de nosso Teatro para as mais variadas atividades, incluindo peças teatrais, concertos, shows, seminários e convenções.

Para tornar possíveis nossas realizações, entretanto, necessitamos contar com o apoio de pessoas físicas e jurídicas. Queremos aqui agradecer a todos aqueles que, por meio de doações e patrocínios, prestigiaram nossas mais recentes Temporadas.

American Express
Associação Alumni
Association Française d'Action Artistique
Banco Cidade
Banco de Boston
Banco Itamarati
Banco Itaú S.A.
Duratex S.A.
English Lavender de Atkinsons
Fundação Japão
Gail S.A.
Gillette do Brasil
Heublein do Brasil
Instituto Goethe
JP Morgan
NEC do Brasil
Rádio Eldorado
Rhodia
S.A. Indústrias Votorantim
Seagram do Brasil
Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa
The British Council
Unibanco
USIS

Se você quiser participar das apresentações programadas para este ano, entre em contato conosco. Teremos satisfação em vincular o nome de sua empresa em toda a divulgação de nossos espetáculos.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196
01303-010 São Paulo SP
Fone: 256.0223
Bilheteria: 258.3616

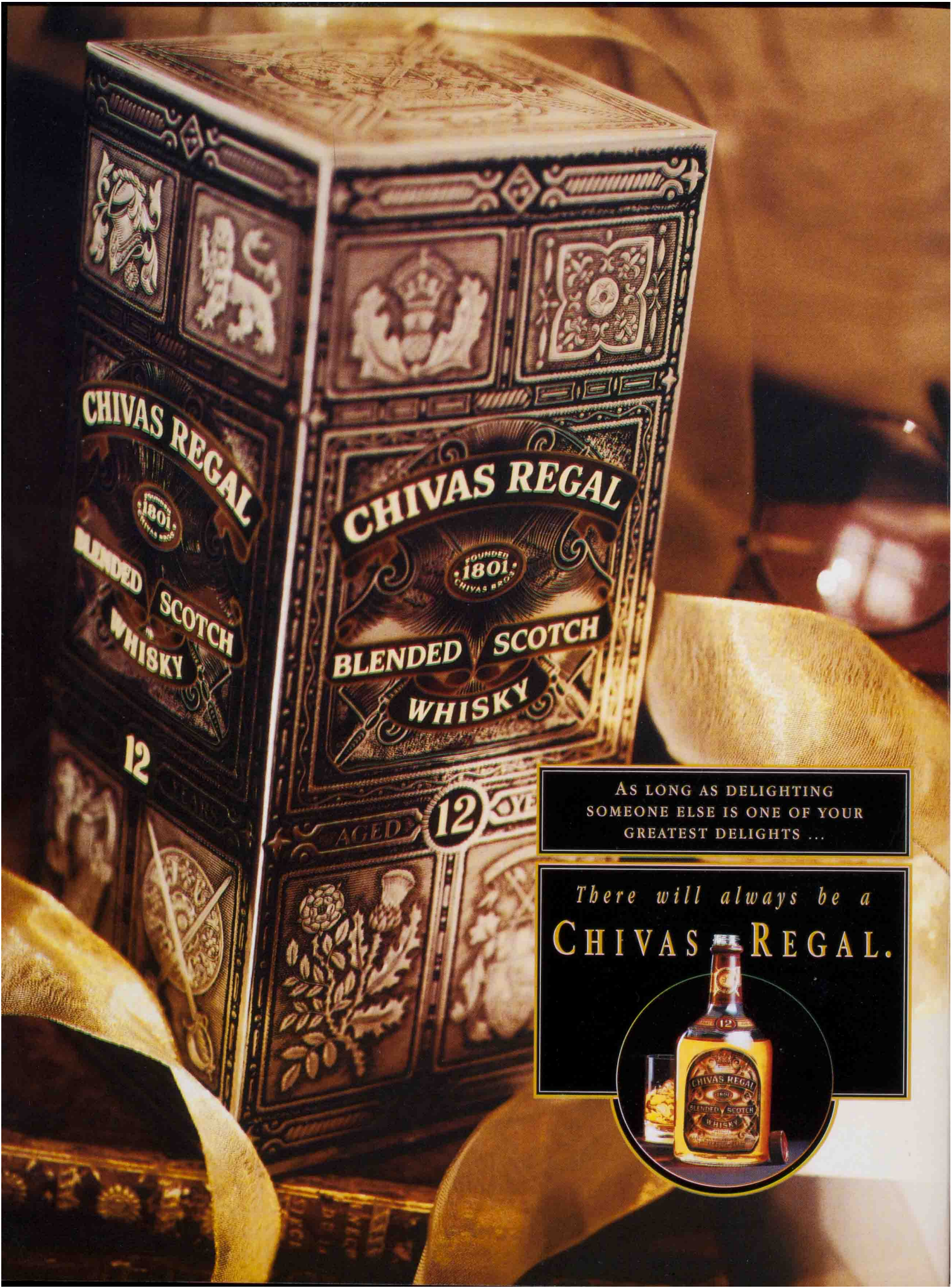
**DECIDA-SE PELOS
MELHORES
INVESTIMENTOS.**

**DECIDA-SE
PELO**



BANCO ITAMARATI

AV. PRES. JUSCELINO KUBITSCHEK, 1830 - TORRE 3- 12º AND.
(011) 829.9433 - SÃO PAULO - SP - CEP 04543-900



AS LONG AS DELIGHTING
SOMEONE ELSE IS ONE OF YOUR
GREATEST DELIGHTS ...

There will always be a
CHIVAS REGAL.

